

A REVOLTA CÍNICA*

Roberto Goto**

A Escola Cínica "floresce" numa época de declínio da civilização helênica. A Idade de Ouro está terminando. Quando Antístenes nasce, em 436 a.C., Péricles e seu governo vivem seus últimos anos. A autonomia dos gregos também. Em pouco tempo, com a Guerra do Peloponeso, a sociedade grega sofre um radical processo de desagregação: lutando entre si, para preservar e fortalecer seus direitos e suas fronteiras, em breve as cidades-estados estarão enfraquecidas, prontas para perderem esses mesmos direitos e fronteiras ao inimigo. E quando Diógenes de Sínope morre, em 323 a.C., a Grécia já é parte do império macedônio.

Menos escola que filosofia, menos filosofia que modo de vida, a postura cínica exprime um pouco do cansaço de civilização que acompanha o ocaso da Grécia clássica. O luxo e o artificialismo da Atenas de Péricles dão lugar a um espírito que requer a valorização do simples e o retorno ao natural. E a exaustão das lutas e conflitos conduzem para a rejeição das cidades-estados e a pregação de um cosmopolitismo que, guardadas as devidas proporções, Alexandre irá realizar nos anos seguintes.

O pensamento cínico é reflexo de uma época em que há pouca confiança no futuro e na sociedade. Mas esse pessimismo, que será acentuado ao extremo pelos estoícos, não inibe completamente a esperança de promover a recuperação do homem que a civilização degenerou. Debilitado por sua própria "maneira de viver", segundo Díon Crisóstomo, o homem civilizado é escravo de seus desejos.

Neste quadro, os cínicos propõem a si próprios a missão do médico. Este, "sendo produtor da saúde, não exerce a sua ação entre os sãos", afirma Diógenes (citado por Stobeu). Ao contrário, são os doentes que necessitam de cura, e os "médicos não se contagiam com a febre", diz Antístenes (citado por Diógenes Laércio).

Por sua convivência com os marginais e "malvados" da época, Antístenes foi censurado pelos pensadores da aristocracia e pelo povo. Isso demonstra, a princípio, que a própria filosofia cínica era uma filosofia marginal. Duplamente marginal: primeiro, porque ela própria se marginaliza perante a sociedade e os poderes constituídos; segundo, porque não foge de ser marginalizada pelo pensamento mais oficial. Platão chama os cínicos de "gente inculta" (Teeteto, 155) e Aristóteles atribui-lhes opiniões "loucas" (Metafísica, V, 29, 1024).

* Escrito em 1976, como trabalho acadêmico, este texto intitulou-se originalmente "A filosofia do proletariado grego". Nada tenho a opor àqueles que nele virem mais um sintoma de época que o resultado de um esforço desapaixonado de análise e interpretação da filosofia cínica. É assim que o considero também.

** Professor de Filosofia na EESG "Culto à Ciência", Campinas, SP.

Em todas as épocas e sociedades, atribuir caráter de loucura a uma idéia ou a um indivíduo, tem sido um recurso para reprimir ou eliminar tendência incômodas ou perigosas ao status quo. A estranheza, o menosprezo ou a indiferença com que são encarados os ensinamentos cínicos só revelam, portanto, o que eles contêm de renovador; acentuam o fato de eles representarem, no campo ético e político, um rompimento quase total em relação aos padrões da filosofia tradicional.

Quatro séculos antes de Cristo, os cínicos lançam as bases do preceito fundamental do cristianismo primitivo: a fraternidade. E vinte séculos antes de Rousseau estabelecem o ideal da democracia moderna: a igualdade.

Enquanto Platão e Aristóteles justificam a escravidão, concebendo os homens com senhores e escravos "por natureza", Antístenes e Diógenes condenam essa mesma escravidão como, precisamente, uma afronta violenta à natureza do ser humano. Em todos os sentidos, trata-se de uma concepção revolucionária para a época, que se opõe frontalmente à ordem instituída. O tom quase indiferente com que Aristóteles comenta estas idéias só acentua esse caráter reformador, de contestação às normas vigentes: "Há quem diga - escreve ele na Política (I, 3, 1253) - que é contrário à natureza possuir escravos. Pois um é escravo e o outro é livre somente por lei mas pela natureza não há nenhuma diferença. Não é justo, portanto, porque provém da violência".

Em 1762, no Contrato Social, Rousseau dirá: "o homem nasceu livre..." Isso não significa, por outras palavras, que a liberdade é um direito natural do homem, que cabe a todos os indivíduos de forma integral e igualitária (pois "pela natureza, não há nenhuma diferença")? A escravidão à qual alguns homens submetem outros não, é senão o resultado dos interesses e conveniências dos escravizadores. Essa escravidão não consegue se impor senão pela força ("provém da violência") e não possui, portanto, legitimidade ("não é justa").

Numa sociedade fundamentalmente escravista, em que a posse de pessoas era encarada como um direito normal e lícito pelos melhores intelectuais, a atitude cínica não deve ser vista apenas como indicador de um desenvolvido senso de justiça, ou de um avanço ético, mas sobretudo como um protesto contra as condições profundas de injustiça e desigualdade que se impunham numa Grécia onde a democracia era privilégio de uma minoria.

Os filósofos cínicos têm pouco prestígio. Isso significa que a sociedade não está disposta a aceitar o protesto e abolir a escravidão. Quando muito, permite que eles tenham popularidade, o que significa também muito pouco. A fama iluminou e divulgou apenas os aspectos superficiais da doutrina: o naturalismo, o ascetismo. Ou contribuiu para transmitir, através dos tempos, episódios não mais que lendários ou anedóticos: Diógenes com sua lâmpada, a procura do homem verdadeiro; Diógenes em seu tonel, recebendo a visita do rei que lhe dá o direito de pedir o que quiser; Diógenes dizendo que o rei

não pode lhe dar o que não tem - o sol cujos raios o corpo do monarca impede de aquecerem o tonel.

É muito provável que os cínicos alimentem ideais maiores que os de passar a vida em tonéis e de se conduzirem segundo o modus vivendi canino. Toda revolta pressupõe não apenas uma negação, mas também a vontade ou anseio de uma transformação; reivindica uma nova ordem.

"Até depois da morte de Sócrates", escreve Bertrand Russell, Antístenes "viveu no círculo aristocrático de seus condiscípulos, não revelando qualquer sinal de heterodoxia. Mas algum motivo (...) fez com que ele, já não muito jovem, passasse a desprezar as coisas que antes apreciara. Não queria saber de outra coisa senão da simples bondade. Associou-se aos trabalhadores, e vestia-se como eles".

Que motivos teriam levado Antístenes a converter-se? Hipóteses de Russell: "a derrota de Atenas ou a morte de Sócrates, ou o seu desagrado pelas cavilações filosóficas". Esta última é a mais plausível, uma vez que Antístenes "reputou inútil toda a filosofia refinada", considerando que "aquilo que se podia conhecer, podia ser conhecido pelo homem simples". Mas, uma vez respondida esta questão, resta responder outra: por que, de um momento a outro, a Filosofia oficial causou tanto descontentamento a Antístenes?

Os comentários dos filósofos do período e o relato dos historiadores autorizam, ao menos em parte, a traçar de Antístenes a imagem de um pensador debruçado sobre a realidade social da época e preocupado com sua transformação. O filósofo começa por combater a opressão civilizatória, a propriedade privada, a escravidão e o governo. E a filosofia? A filosofia aristocrática que então se ensinava ou é atividade diletante e descomprometida (apesar de Sócrates), ou justificação racional do status quo. Em outras palavras, a Filosofia é alienação, e cinismo pode ser, em grande parte, definido como o primeiro protesto contra essa alienação filosófica.

"Ó Platão - diz Antístenes -, o cavalo, sim, eu o vejo, mas a eqüidade não a vejo. Eu vejo o homem, mas a humanidade não"². A gnosiologia cínica é, em seus fundamentos, uma gnosiologia orientada para a ação: ela quer conhecer o homem concreto, não a sua idealidade abstrata. Ela é como que uma doutrina terapêutica, destinada a curar os "malvados". O que significa curar? Não significa integrar o indivíduo marginal à sociedade artificial e "civilizada" (com sua violência, sua escravidão), mas recuperá-lo para uma vida autêntica, natural, que lhe restitua os dons que a civilização lhe roubou.

1. RUSSELL, Bertrand - *História da filosofia ocidental*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, vol. I, 1969, p. 269.

2. *Idem*, *ibidem*.

Seria isso ir demasiado além na análise da filosofia cínica? Seria lançar suposições gratuitas sem qualquer apoio na realidade histórica? Dificilmente. Desde que se tome a doutrina como um corpo orgânico onde cada parte está ligada às demais, então é possível restaurar a estrutura, recriar os membros perdidos e restabelecer os elos destruídos.

As informações disponíveis sobre os cínicos bastam para pôr em evidência que se tratava, de fato, de uma filosofia de caráter reformador. O que, em última análise, impediu seus representantes de realizarem esse caráter na prática social e política foi o fato de não terem plena consciência dele. Mas o simples anseio de realização e a angústia resultante da não-realização dão, como efetiva, a tendência reformadora.

Essa tendência, porém, esteve sempre subjacente à filosofia; jamais foi claramente explicitada aos olhos dos próprios filósofos. Tal como em Rousseau, sentia-se tanto quanto se raciocinava. Havia idéias vagas pedindo por revolucionar a ordem social; porém estas idéias não chegavam a ser formuladas com clareza. A confusão e a contradição, que se instalam na gnosiologia, bem revelam que nunca houve uma consciência profunda da sociedade buscando por uma reforma do status quo.

Essa gnosiologia, de fato, fala do homem material; contra o idealismo então reinante na filosofia (na pessoa de Platão), instaura um materialismo que não é tão ingênuo quanto se pensa, nem tão inconsequente: ele busca firmar o ser humano na realidade, busca fazê-lo assumir sem ilusões essa realidade, numa postura firme, honesta, sincera. Porém, ao mesmo tempo, essa teoria prega um conhecimento confinado ao individual, ao único. O monismo do nome: "Antístenes professava uma louca opinião, pretendendo que de nenhuma coisa pode dizer-se algo fora do seu nome próprio, e de cada coisa, um só nome", conforme anota Aristóteles (Metafísica, V, 29, 1024). Herdeiros dos sofistas, os cínicos querem negar a metafísica, substituindo-a por uma pedagogia que ensina pela analogia: "A dificuldade que provocavam os seguidores de Antístenes e os igualmente incultos... é de que é impossível definir a essência de uma coisa (porque a definição é um longo discurso); porém, não obstante, é possível ensinar o que é uma coisa; por exemplo, não se pode dizer o que seja a prata, mas que é semelhante ao estanho, sim" (Aristóteles, Metafísica, VIII, 3, 1043).

A filosofia cínica nasce de um parto prematuro. Autodestinada à prática social, ela morre ou desvirtua-se antes de atingi-la. É natural: não havia condições objetivas na época para a consecução de uma tal filosofia. Por que, sendo fundamentalmente uma doutrina da prática, o cinismo não se ocupou da política, quando isso ocorria com Platão e Aristóteles?, perguntam os historiadores, pretendendo revelar um paradoxo no interior da doutrina cínica.

Mas não se trata de um paradoxo. E nada é tão claro. A participação de Platão e Aristóteles na política só faz ressaltar o que suas filosofias têm de

oficial. A eles permitem que se ocupem da política pois sabem que suas idéias não propõem mudanças radicais na estrutura social. Não pregam que se suprimam as hierarquias sociais, mas tornam ainda mais nítidas as diferenças entre as classes.

Aos cínicos, é negado não só o direito de participação política; a própria realidade histórica veda-lhes as condições de autoconsciência teórica e ação prática. Querendo ser coerentes no trabalho político, os cínicos teriam, inevitavelmente, de buscar meios de libertar os escravos, de abolir a propriedade privada, assim, instaurar uma sociedade verdadeiramente fraterna e igualitária. Mas, para uma praxis dessas dimensões, não havia uma teoria política adequada, da mesma forma como não existia qualquer horizonte de realização.

A primeira grande rebelião de escravos só irá ocorrer alguns séculos depois, com Spartacus. E o primeiro grande movimento de massas oprimidas contra um Estado opressor só se esboçará com o advento do cristianismo primitivo. Os cínicos estão sós em sua revolta contra a opressão; estão sós porque são os primeiros - ninguém atrás para incentivá-los ou sustentá-los. Seu protesto é mudo ou, pelo menos, murmuroso. A semiconsciência da opressão e a frustração frente à impossibilidade de reformar uma sociedade tomam, para exprimir-se, a voz do homem que procura afirmar cada vez mais sua individualidade frente à massa, que busca fortalecer o caráter para superar o sofrimento e libertar-se dos desejos e vaidades, da ditadura alienante do dinheiro.

A revolta cínica começa, portanto, pela ética. Começa e termina, pois a realidade não concede nenhuma oportunidade para a ação política. Numa sociedade (como a atual) onde se pede o sacrifício da individualidade e dos valores morais em troca de um salário e de uma posição privilegiada, as únicas alternativas estão entre aceitar o jogo e continuar encenando uma peça imoral que se mascara de moralista ou abandonar todos os prazeres e vaidades materiais, para viver espiritualmente uma existência realmente humana.

Compreendeu-se pouco o sentido dessa rebelião ética. Os cínicos não propõem a inversão dos valores; eles pretendem a restauração de valores que já estão invertidos. "Contraponho - dizia Diógenes (citado por Diógenes Laércio) - à fortuna, o valor, à lei (convenção) a natureza, à paixão, a razão". Ele considera "ótimos" aqueles que "desprezam riqueza, fama, prazer e vida, para que os seus contrários: miséria, ignomínia, fadiga, morte fiquem abaixo" (citado por Stobeu).

Essa postura, que muitos consideraram orgulhosa e individualista (esquecendo a convivência de Antístenes com os homens pobres e oprimidos), representa, para os cínicos, o paliativo, o sucedâneo moral que atenua certamente o sentimento de impotência pela humanização da sociedade. Não é possível viver sem consolos e remédios, quando a sociedade nos oprima; lutar contra algo que é maior e mais forte que o indivíduo exige que se tenha

em mãos armas morais. Armas morais que nos tornem capazes de assumir a loucura que a sociedade nos atribui, sabendo que ela é de fato lucidez e verdade.

Não é outra senão esta a lição de Antístenes, que foi chamado o "Sócrates enlouquecido".

BIBLIOGRAFIA

MONDOLFO, Rodolfo. *O pensamento antigo*. São Paulo, Ed. Mestre Jou, vol. I, s/d, pp. 164-171.

RUSSELL, Bertrand. *História da filosofia ocidental*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, vol. I, 1969, pp. 267-279.